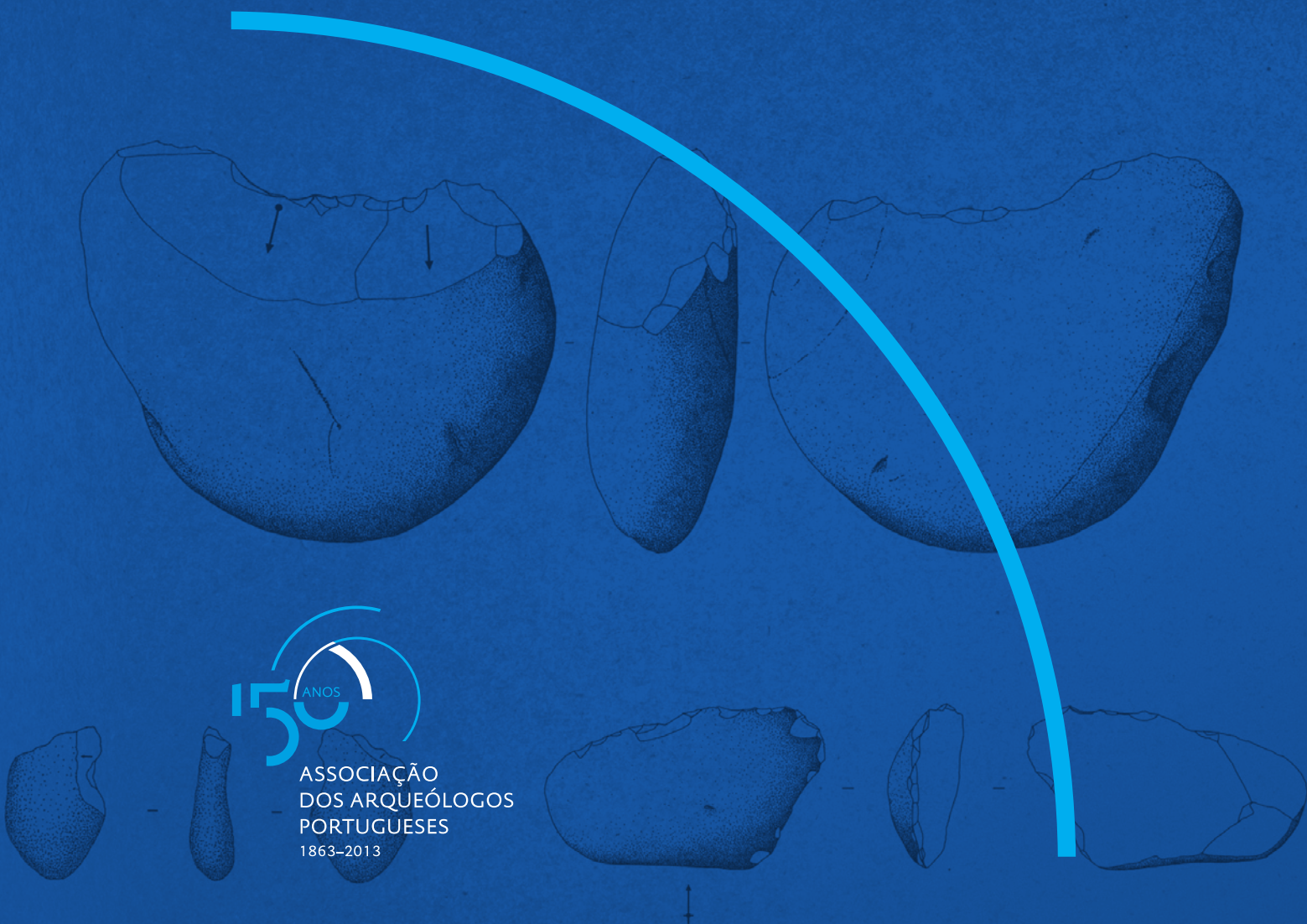


ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



A DESAGREGAÇÃO DO COMÉRCIO MEDITERRÂNICÓ NO BAIXO GUADIANA TARDO-ANTIGO: ANÁLISE DA *TERRA SIGILLATA* AFRICANA E FOCEENSE TARDIA

Edgar Fernandes / Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa / edgarmcmfernandes@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo pretende analisar a desagregação do comércio mediterrânico no Baixo Guadiana, durante a Antiguidade Tardia, através das informações fornecidas pela *terra sigillata* africana e foceense tardia. Salvo notáveis excepções (Delgado, 1988 e 1992; Coutinho, 1997), estas classes cerâmicas não têm sido alvo de estudos sistemáticos que informem sobre as relações económicas entre as regiões implicadas. Assim, produzimos aqui uma síntese dos dados de dois trabalhos de investigação recentes (2012 e 2013). Esta procurará observar as semelhanças e diferenças entre um território rural (Alcoutim) e um centro urbano (Mértola) do Baixo Guadiana, tendo por objectivo uma compreensão preliminar – porque baseada apenas em cerâmicas de mesa exógenas – das dinâmicas económicas tardo-antigas.

ABSTRACT

The present paper intends to examine the breakdown of the Mediterranean trade in the Lower Guadiana during the Late Antiquity, through information yielded by the African and Phocaeen Red Slip Wares. Excluding important exceptions (Delgado, 1988 and 1992; Coutinho, 1997), these pottery classes have not undergone systematic studies informative of the economical ties between the regions involved. Therefore, here we produce a synthesis of the data from two recent research works (2012 and 2013). This synthesis will seek to observe the similarities and differences between a rural territory (Alcoutim) and an urban center (Mértola) in the Lower Guadiana, having as a goal the preliminary understanding – because it relies only on exogenous tableware – of Late Antique economical dynamics.

1. INTRODUÇÃO

O Baixo Guadiana é uma região que se sabe prolífica em testemunhos arqueológicos datáveis da Antiguidade Tardia, desde que Estácio da Veiga efectuou ali trabalhos de emergência em 1877. Conhecem-se actualmente diversos vestígios tardo-antigos, nos concelhos de Alcoutim e Mértola, cuja relação com o mundo mediterrânico, em especial com o Norte de África e o Oriente, tem vindo a ser evidenciada. No entanto, os estudos socioeconómicos baseados na análise de cerâmicas importadas de centros produtores mediterrânicos – nomeadamente a *terra sigillata* africana (doravante, TSAf) e foceense tardia (doravante, TSFT) – não têm sido muito frequen-

tes para esta região. Com honrosa excepção feita a Manuela Delgado, que publicou dois artigos contendo cerâmicas finas do Mediterrâneo Oriental recolhidas em Mértola (1988 e 1992), e a Helder Coutinho, que escreveu um livro sobre a TSAf na *villa* do Montinho das Laranjeiras, em Alcoutim (1997), poucas cerâmicas provenientes de escavações arqueológicas têm sido publicadas.

Em 2012, elaborámos uma tese de mestrado em Arqueologia dedicada ao estudo das cerâmicas finas norte-africanas e mediterrânicas orientais, produzidas entre os séculos V e VII, encontradas no Baixo Guadiana – mais propriamente em três arqueossítios rurais do actual concelho de Alcoutim (*villa* do Montinho das Laranjeiras, *villa* da Lourinhã e

Cercado da Ferrugem e Mina do Barranco da Quebrada) e em dois locais da vila de Mértola (Bairro da Alcáçova e Biblioteca Municipal). Já no início de 2013, co-autorámos um artigo sobre a importação de cerâmicas finas e culinárias norte-africanas e mediterrânicas orientais, no território de Alcoutim, entre os séculos IV e VI. Neste último trabalho, integraram-se peças de mais nove arqueossítios rurais: São Bento Velho; Cabeço das Corgas – Tacões; Vale da Zorra; Curralinhos do Pessegueiro; Curral das Pocilgas – Diogo Dias; Sítio do Abrigo/Sítio da Igrejinha – Vale de Condes; Cerca das Alcarias – Cerro da Vinha; Montinho 2 – Corte da Seda; e Cerro do Castelo de Corte das Donas.

O presente artigo pretende avaliar a desagregação do comércio mediterrânico no Baixo Guadiana tardo-antigo a partir da análise elaborada em 2012 e 2013. Trata-se de uma observação parcial, focada apenas sobre uma classe de artefactos que não constituiria o móbil fundamental das grandes transacções comerciais. Ainda assim, já que as cerâmicas finas constituem, até ao momento, os únicos testemunhos quotidianos tardo-antigos estudados no Baixo Guadiana, o nosso artigo analisará a amostra possível.

2. *TERRA SIGILLATA AFRICANA* E FOCE-ENSE TARDIA NO ACTUAL CONCELHO DE ALCOUTIM (SÉCULOS IV-VI)

O estudo de Helder Coutinho (1997) sobre a TSAf da *villa* do Montinho das Laranjeiras abriu caminho aos nossos trabalhos mais recentes, que pretendem analisar a presença de cerâmicas finas mediterrânicas na totalidade do actual concelho de Alcoutim. No artigo que co-autorámos, foi analisada TSAf e TSFT produzidas entre os séculos IV e VI. A ausência de estratigrafias – apenas o Montinho das Laranjeiras foi reescavado e todos os outros sítios foram apenas prospectados – obrigou-nos a tomar como referência as cronologias de produção contidas em obras tipológicas como *Late Roman Pottery* (Hayes, 1972), *Atlante delle forme ceramiche I* (Carandini, ed., 1981) e *Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique* (Bonifay, 2004). Sendo certo que tratávamos de contextos de descarte, o facto de o nosso estudo ter incidido sobre o fenómeno da importação destes bens torna a utilização das tipologias perfeitamente aceitável.

No início do século IV, a TSAf C é praticamente hegemónica, devido à forte representatividade da

forma Hayes¹ 50A, de longe a mais frequente no território em questão. Na década de 330, o panorama comercial inverte-se e a TSAf C entra em quebra irreversível, ao passo que a TSAf D, residual durante o primeiro quartel do século IV, se torna preponderante e assim permanecerá até à desagregação dos contactos comerciais com o Mediterrâneo. O apogeu da ocorrência da TSAf D dá-se em inícios do século V. Por volta de 420, começa a desenhar-se um decréscimo que não cessará e que se tornará muito mais evidente a partir de c. 450, com a diminuição do repertório formal e das quantidades importadas. É a partir de meados do século V e até ao final do primeiro quartel do século VI que a TSFT se apresenta modestamente no território alcoutenejo, nunca se aproximando dos níveis registados para a TSAf D em igual período. As importações norte-africanas cessam pela mesma altura que as foceenses, ou talvez apenas um quarto de século mais tarde. As formas mais recentes que registámos, já totalmente inseridas no século VI, são H. 91C (c. 500-c. 600+), H. 103A (c. 480/500-c. 575), H. 104A2 (c. 525-c. 550) e Fulford 52 (c. 500-c. 550), em TSAf D, e H. 3G (c. 500-c. 525), em TSFT, todas mais escassamente representadas do que nunca. Nenhuma destas peças mais tardias terá sido importada após a primeira metade do século VI (Fernandes, Almeida & Gradim, no prelo).

À partida, consegue perceber-se que mesmo durante o período em que a desagregação do comércio mediterrânico ocorre no actual concelho de Alcoutim (c. 420-c. 550) não há diferenças qualitativas e cronológicas entre as aquisições das áreas mais próximas do Guadiana e do *hinterland*. A forma H. 103A – com duas ocorrências em todo o território – encontra-se a ≈3 km do rio, junto à aldeia de Corte da Seda, e também a ≈30 km de distância desse curso de água, no Curral das Pocilgas, próximo da aldeia de Diogo Dias (*ibidem*). Durante o período de desagregação do comércio mediterrânico, as formas de grande diâmetro, possivelmente utensílios para consumo colectivo de alimentos ou até para servir à mesa, são qualitativa e quantitativamente mais frequentes do que aquelas cujos diâmetros sugerem usos individuais.

1. Doravante, a denominação «Hayes», correspondente ao apelido do autor da obra tipológica de referência *Late Roman Pottery* (1972), que é a mais comumente utilizada, será substituída pela abreviatura «H.».

Finalmente, refira-se, para que retomemos este tópico por ocasião das conclusões do presente artigo, a existência de dois fragmentos de TSAfD – um que pertence à forma H. 61A/B3 (c. 400-c. 450) e outro com estampilhas do estilo A(ii) (c. 350-c. 420) –, os quais ostentam orifícios mais largos no anverso do que no reverso, que terão sido elaborados após a cozedura, por perfuração, utilizando um instrumento pontiagudo com o qual se fizeram movimentos rotativos do interior para o exterior. Sendo escassos em número e localizando-se sempre junto a fracturas, deverão tratar-se de furos destinados à reparação das peças, de modo a prolongar-lhes a sua vida útil (Fernandes, 2012, pp. 113-114; Fernandes, Almeida & Gradim, no prelo).

3. *TERRA SIGILLATA AFRICANA* E FOCEENSE TARDIA NA ACTUAL VILA DE MÉRTOLA (SÉCULOS V-VI/VII)

Os estudos desta índole em Mértola foram iniciados, como atrás se disse, pelos artigos pioneiros de Manuela Delgado (1988 e 1992), sobre a TSfT e a *terra sigillata* cipriota tardia. No entanto, o desenvolvimento de diversos trabalhos arqueológicos não encontrou efectiva correspondência em estudos científicos sobre cerâmica tardo-antiga até 2012, por meio da tese de mestrado que elaborámos. Aí pôde entrever-se, através da loiça fina de mesa norte-africana e foceense, a evolução dos fluxos comerciais mediterrânicos, em *Myrtilis*, entre os séculos V e VI/VII. A ausência de deposições primárias conduziu-nos novamente ao uso das cronologias dos trabalhos tipológicos referidos no ponto anterior.

Nos inícios do século V, o desempenho da TSAfD em Mértola cifrava-se em pouco mais de dez exemplares por decénio. Sucedeu-se-lhe um ligeiro decréscimo para as dez unidades, durante a década de 420, seguindo-se uma recuperação significativa até ao final da década de 450, em que se atingiu a probabilidade de importação de 15 exemplares. É neste período de crescimento que, a partir de c. 440, se inserem algumas peças raras de TSAf C5, correspondentes às formas H. 84 e H. 85B. A década de 460 abre um intervalo de retracção económica, que se manterá até c. 480. Este período testemunha a entrada da TSfT em Mértola, com uma das variedades formais mais assinaláveis no actual Portugal, mas que nunca ultrapassa quantitativamente a TSAf – muito embora atinja o auge na década de 460. Entre

c. 480 e c. 520/530, as importações mediterrânicas atingem o seu auge em Mértola, com um aumento exponencial da TSAfD que conduz as probabilidades a mais de 20 unidades adquiridas por década. Embora graficamente a década de 520 se apresente como uma época de diminuição das importações, acreditamos que se trata de um resultado que decorre do uso das datações fornecidas pelas tipologias, já que muitas formas presentes em Mértola deixam de ser produzidas c. 520, ao passo que apenas duas – H. 99B e H. 104A2 – começam a ser fabricadas nesse decénio. Acreditamos, assim, que a década de 520 deverá ser ainda inserida no período de apogeu aquisitivo (Fernandes, 2012, p. 102 e pp. 106-109). A desagregação do comércio mediterrânico em Mértola é claramente observada a partir de c. 530 e perdura até finais do século VI ou, com menos probabilidade, até inícios do século VII. A princípio (c. 530-c. 550), assistiu-se a uma quebra gradual, ainda que constante, motivada pelo desaparecimento de algumas formas muito bem representadas, que eram produzidas desde épocas anteriores, como H. 91A/B (c. 400/420-c. 530), com 30 indivíduos, ou como H. 104A1 (c. 480-c. 530), com 13 indivíduos. Estas formas não foram substituídas por outras em iguais quantidades, evidência de comportamento de recuo na importação de cerâmicas finas norte-africanas. Note-se que, por esta altura, a TSfT já tinha deixado de ser importada por *Myrtilis* – embora se produzam formas que correspondem a essas datações, mas que não atingem o Baixo Guadiana, como H. 5B (c. 500-c. 550) e H. 9 (c. 520-c. 600). Assim, entre a época de apogeu e c. 550, a probabilidade de importação por década caiu de mais de 20 unidades para cerca de dez, uma quebra de ≈50% (*ibidem*: 109-110; 133, fig. 9).

Os meados do século VI vão iniciar uma época de decréscimo que nos parece muito mais violento, já que, em termos probabilísticos, entre c. 550 e c. 560, se registou uma quebra de 75% do volume de importação de TSAfD. Esta redução ficou a dever-se essencialmente ao desaparecimento das formas H. 99A (c. 480-c. 550), com 25 indivíduos, e H. 104A2 (c. 525-c. 550), com cinco. Mais uma vez, estas formas não foram substituídas por outras em quantidade suficiente para contrariar o declínio das aquisições norte-africanas em *Myrtilis*. Por volta de 580, a introdução das formas H. 91, var. *Atlante*, XLIX, 10, H. 99C, H. 105A e H. 107 – com um exemplar cada – contribuiu apenas para estabilizar uma decadência

que se afigurava irreversível desde há meio século e que deverá ter terminado c. 600, já que não ocorrem quaisquer formas exclusivas do século VII (*ibidem*: 110-112; 133, fig. 9).

No período de desagregação do comércio mediterrânico em Mértola (c. 530-c. 600), percebe-se que as formas introduzidas são maioritariamente de grandes dimensões, denunciando, tal como em Alcoutim, usos colectivos ou funções de serviço à mesa. Refira-se igualmente que, à semelhança do que acontece naquele território rural a jusante, se observou um grande prato, correspondente à forma H. 104A1, que apresenta dois orifícios para reparação junto a fracturas (*ibidem*: 113-114).

4. A DESAGREGAÇÃO DO COMÉRCIO MEDITERRÂNICO NO BAIXO GUADIANA TARDO-ANTIGO: ALGUMAS CONCLUSÕES E REFLEXÕES

Após análise dos dados fornecidos pelos dois mais recentes trabalhos sobre cerâmicas finas mediterrânicas tardo-antigas no Baixo Guadiana, será imprescindível complementar este artigo com a procura de explicações processuais para as flutuações económicas registadas. Assim, será natural que boa parte da nossa interpretação das causas da desagregação do comércio mediterrânico no Baixo Guadiana remeta para reflexões contidas naqueles dois estudos anteriormente citados.

Começamos por referir que embora o Baixo Guadiana seja talvez a única região do actual Portugal em que se estudaram importações tardo-antigas em meios urbano e rural, os comportamentos que espelha não são desligados, pelo menos em parte, do restante Sul da *Lusitania*. Não se pode analisar o Baixo Guadiana como um todo sem examinar primeiro cada uma das partes – o centro urbano em Mértola e o território rural em Alcoutim –, uma vez que traduzem realidades socioeconómicas distintas que devem ser comparadas, mais do que sobrepostas (Fernandes, 2012, p. 101). No trabalho em co-autoria que efectuámos sobre o território alcoutenejo, o seguimento dessa metodologia deu frutos quando se achou útil estabelecer uma comparação entre os ritmos de importação das zonas rurais e dos centros urbanos na *Lusitania* meridional.

De facto, após confrontar o comportamento importador de Alcoutim com os de seis arqueossítios rurais e cinco centros urbanos, chegou-se a dois modelos

distintos de importação, que podem, *grosso modo*, ser aplicados a cada uma dessas duas realidades. O mundo rural sofre uma quebra severa nas importações durante a década de 420, da qual nunca recuperará. Assim, ao território de Alcoutim juntam-se as *villae* de Tourega (Pinto, Viegas & Dias, 2004), São Cucufate (Alarcão, Étienne & Mayet, 1990), Represas (Lopes, 1994), Loulé Velho (Maia, 1978; Gomes & Serra, 1996; Luzia, 2004; Bernardes, 2008) e Quinta do Marim (Silva, Soares & Coelho-Soares, 1992; Graen, Kleinschmidt, Schierl & Zimmermann, 2008). Também Chãos Salgados (Quaresma, 2012) e Faro (Viegas, 2009) parecem cessar o grosso das suas importações durante o século V, muito embora Faro continue a importar quantidades relevantes de cerâmicas finas até ao final desta centúria (Fernandes, Almeida & Gradim, no prelo).

A maior parte do mundo urbano da *Lusitania* meridional e da *Baetica* costeira, por seu turno, prolonga as importações durante o século VI. Mértola chega mesmo a atingir o auge de consumo de cerâmica fina mediterrânica entre c. 480 e c. 530, como vimos atrás. *Balsa* (Viegas, 2009) e *Baelo Claudia* (Bourgeois & Mayet, 1991) também apresentam ainda bons níveis de importação durante a primeira metade do século VI. Os meados desta centúria marcam o início da desagregação do comércio mediterrânico nestas duas últimas cidades, ao mesmo tempo que Mértola – onde o recuo já é visível desde c. 530 – passa a apresentar quantidades residuais de cerâmicas finas mediterrânicas e já não renova praticamente o repertório morfológico. Se *Balsa* e *Baelo Claudia* ainda apresentam percentagens a ter em conta, em finais do século VI e inícios do século VII – incluindo algumas formas que, presentemente, parecem ser exclusivas desta última centúria, como H. 91D (*Balsa*) ou H. 106 (em *Baelo Claudia*) –, o mesmo não se passa em Mértola, onde não existem formas restritas ao século VII e a percentagem de peças posteriores a c. 580 é de ≈1,28% do total de exemplares atribuíveis aos séculos V e VI. Todavia, este panorama não é exclusivo dos grandes centros urbanos, já que a *villa* do Cerro da Vila (Diogo, 2001; Teichner, 2006) cessará também as suas importações no final do século VI (*ibidem*).

Em relação ao Baixo Guadiana, é possível encontrar, na prossecução e na desagregação do comércio mediterrânico, um território a dois ritmos, como de resto já havíamos referido (Fernandes, 2012, p. 80 e pp. 101-102). De facto, percebe-se que Alcoutim

inicia um processo de afastamento das redes comerciais mediterrânicas cerca de um século antes de Mértola. No entanto, o espólio alcoutenejo, sendo bastante mais escasso do que o existente no centro urbano mertolense, apresenta apenas cinco formas que não ocorrem também naquele, durante os séculos V e VI – e note-se que muitas peças já exumadas faltarão estudar em Mértola, não acontecendo o mesmo em Alcoutim. Este facto demonstra, a nosso ver, que o comércio de cerâmicas finas mediterrânicas tardo-antigas no Baixo Guadiana estaria subordinado a *Myrtilis*, na medida em que ali se importaram 18 formas que ocorrem também em Alcoutim e 50 outras formas que são exclusivas do centro urbano mertolense, durante os séculos V e VI (Fernandes, 2012, pp. 103-106, tabela 11; Fernandes, Almeida & Gradim, no prelo).

O processo de desagregação do comércio mediterrânico no Baixo Guadiana não se prova apenas através da redução de quantidades e de diversidade formal. Existem outros aspectos de cariz socioeconómico que devem ser mencionados e que dizem respeito aos orifícios para reparação que se encontram em algumas cerâmicas daquela região. No caso de Alcoutim, observámos duas peças que apresentavam esses orifícios (H. 61A/B3: c. 400-c. 450; estilo A(ii): c. 350-c. 420) e em Mértola, existe uma outra (H. 104A1: c. 480-c. 530). Os três fragmentos apresentam boas porções das peças de que faziam parte e talvez seja por isso que estes furos se preservaram. A existência de orifícios para reparação em cerâmicas finas sugere, segundo J. Theodore Peña (2007, pp. 248-249), falta de poder económico ou insuficiências graves no abastecimento de loiças finas a determinadas localidades ou regiões. No caso de Alcoutim, o recuo irreversível inicia-se c. 420, agudizando-se c. 450, e as peças reparadas datam-se da segunda metade do século IV ou da primeira metade do século V; em Mértola, o artefacto conservado data-se de entre c. 480 e c. 530, enquanto a ruptura nas importações começa a fazer-se sentir c. 530, agravando-se c. 550 (Fernandes, 2012, pp. 113-114). Em consequência, cumpre reflectir sobre as possíveis causas para este fenómeno de desagregação. No geral, estamos a lidar com quatro datas-chave (c. 420, c. 450, c. 530 e c. 550) em torno das quais a nossa argumentação assentará. Assim, procuraremos explicações endógenas ou exógenas que possam eventualmente justificar estas quebras.

A redução de c. 420 sentiu-se muito ligeiramente

em Mértola, mas marcou sem dúvida o início da desagregação das importações em Alcoutim. O Norte de África ainda se encontrava em paz sob o governo do *comes* Bonifácio (m. 432), oficial romano que controlava a *Dioecesis Africae*. A instabilidade chegaria em 429, quando os Vândalos, comandados por Genserico (r. 428-477), invadiram a região, conquistando Cartago em 439. Se a explicação não pode ser encontrada no Norte de África, poderá estar relacionada com a instabilidade sentida na Península Ibérica desde 409, causada pelas invasões germânicas. De facto, sabe-se que os Vândalos Asdingos migraram para a *Baetica* em 419, onde viveram impunes do saque de localidades. Em 422, um exército romano que foi enviado para derrotá-los não conseguiu cumprir essa tarefa (*Chronicon*: 63, 67, 68, 71, 74, 77; Mattoso, 2006, pp. 15-16). É provável que esta instabilidade política e militar tenha causado o início da ruptura das importações no território rural do Baixo Guadiana (Fernandes, 2012, pp. 106-107; Fernandes, Almeida & Gradim, no prelo).

Os meados do século V representam o afundamento final das importações mediterrânicas em Alcoutim (c. 450) e um decréscimo considerável das mesmas em Mértola (c. 460-c. 480). Em relação ao território alcoutenejo, o recuo, algo anterior ao da vila mertolense, poderá dever-se simultaneamente a factores endógenos e exógenos. Em relação aos primeiros, há que referir que a instabilidade política e militar na *Lusitania* prosseguia, desta vez por mão dos Suevos. Em 440, o rei suevo Réquila (r. 438-448) aprisionou, em Mértola, o *comes* Censório, embaixador romano que lhe tinha sido enviado e que regressava aos territórios imperiais; o mesmo monarca conquistou Sevilha, em 441 (vd. *Chronicon*: 121, 123). Os factores exógenos, por seu turno, prendem-se com a conquista vândala do Norte de África. Entre c. 440 e c. 475, ter-se-á registado um declínio na exportação de produtos norte-africanos, motivado por uma crise económica nos centros produtores, compensada pela entrada em cena de fabricos cerâmicos orientais como a TSFT (Reynolds, 2010, p. 57). O recuo das importações em Mértola, c. 460, já não se explica tão facilmente por factores endógenos, mas pode dever-se aos mesmos factores exógenos que mencionámos. Ainda assim, a quebra da TSAf terá sido grandemente suavizada pela entrada de uma boa quantidade de TSFT datada do terceiro quartel do século V (Fernandes, 2012, pp. 107-108; Fernandes, Almeida & Gradim, no prelo).

Relativamente aos decréscimos do século VI, a queda de c. 530, que afectou sobretudo *Myrtilis*, não parece poder ser explicada por factores endógenos. Epigraficamente, atesta-se, nessa época, a presença de uma comunidade oriental ligada sobretudo a cargos eclesiásticos (Dias, 1993, pp. 102-138; Fernandes & Valério, entregue para publicação; Fernandes, 2012, pp. 92-100). Também se conhecem, no Bairro da Alcáçova de Mértola, mosaicos de inspiração oriental, datados da primeira metade do século VI, por leituras estratigráficas e traços estilísticos (Lopes, 2008, pp. 38-39), devendo certamente ter sido dispendiosos. Haveria muito provavelmente meios para pagar loiça de mesa importada, mas a TSFT desaparece por completo e o repertório e quantidades de TSAf reduzem-se consideravelmente. A causa mais provável para esta quebra relaciona-se com a conquista bizantina do Norte de África (533-534) e com a necessidade de abastecer os exércitos que lutavam em Itália (535-555) através da *annona*. Sabe-se também que os Mauros se opuseram fortemente ao poder bizantino até meados do século VI (*ODB II*: 1318), o que poderá ter causado perturbações no aparelho produtivo norte-africano (Fernandes, 2012, p. 110).

Relativamente ao grande decréscimo de meados do século VI, que extingue definitivamente as importações de cerâmica fina mediterrânica em Alcoutim e atira as percentagens de Mértola para níveis quase residuais, poderá encontrar explicações endógenas e exógenas, a nosso ver. A justificação interna, não referida na nossa tese de mestrado, poderá prender-se com a guerra civil entre os Visigodos, que opunha Ágila (r. 549-554), em Mérida, a Atanagildo (r. 554-568), em Sevilha, e que terá durado entre 550 e 554 (Collins, 2004, pp. 46-48). No entanto, há que referir que este conflito, concentrado entre Mérida, Sevilha e Córdova, talvez não tenha sido relevante para o comportamento das importações mediterrânicas no Baixo Guadiana, região servida por uma rota comercial marginal a todo esse contexto. A explicação exógena prende-se com a conquista bizantina do Levante Ibérico, em meados do século VI (551 ou 552), tendo a nova província da *Spania* lutado contra os Visigodos pela sua sobrevivência até c. 625, sem sucesso. Perguntamo-nos, assim, se os mecanismos da *annona*, aplicados a esta província, mas também à Itália, não poderão ter contribuído decisivamente para apartar as loiças norte-africanas do Baixo Guadiana (Fernandes, 2012, p. 111).

Por outro lado, permanece por compreender a questão das contrapartidas comerciais. Não é nítido que esta região ainda produzisse e exportasse cobre em grande quantidade, como em épocas históricas anteriores e posteriores (Gomes, 1998, pp. 112-113), mas sabe-se que os mercadores mediterrânicos – em especial os orientais – procuravam aceder, na *Gallaecia* e na *Britannia I*, ao estanho que escasseava no Oriente (Vallejo Girvés, 1993, pp. 13 e 66; Cooper, 2000, pp. 99-100). Partindo do princípio hipotético de que o *hinterland* da *Lusitania* meridional ainda produzia cobre durante a Antiguidade Tardia, é bastante plausível supor que este metal fosse adquirido pelos comerciantes mediterrânicos em *Myrtilis* e que, *a posteriori*, estes pudessem ir trocá-lo por estanho à *Gallaecia* e à *Britannia I*. Ademais, sabe-se que o grosso do comércio mediterrânico dirigido a esta última província cessa em meados do século VI (Reynolds, 2010, pp. 105 e 108), altura em que o mesmo acontece no Baixo Guadiana. No entanto, também não se pode pôr de parte a existência de um comércio de bens de luxo (vinhos orientais de elevado preço, sedas, etc.) ligado a elites, do qual existem provas documentais e arqueológicas (Fernandes, 2012, p. 116).

É provável que a Igreja não fosse alheia a este comércio. A diocese de *Emerita* foi regida, entre c. 530 e c. 570, pelos bispos orientais Paulo e Fidel e a diocese de *Pax Iulia* – a que provavelmente pertenceria *Myrtilis* – foi governada pelo bispo Apríngio, cujo nome se vincula com a região da Síria (Fernandes & Valério, entregue para publicação; Fernandes, 2012, pp. 95-96), durante o reinado do visigodo Teudis (531-548). O desaparecimento daqueles prelados e das elites eclesiásticas orientais atestadas pelas epígrafes gregas de Mértola coincide, *grosso modo*, com o período final de desagregação do comércio mediterrânico tardo-antigo naquele centro urbano (c. 550-c. 600). Assim, acreditamos que a relação entre influência eclesiástica e transacções comerciais, bem evidente em muitas outras regiões do antigo Império Romano do Ocidente, também não deve ser subestimada no Baixo Guadiana da Antiguidade Tardia.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer à Mestre Mariana Almeida (Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa), pelo auxílio prestado na composição da parte gráfica deste artigo, e ao Mestre Miguel Valério (Univer-

sidade de Barcelona), pelas diversas leituras críticas do texto e pelas sugestões que apresentou. Ainda assim, todas as ideias inéditas expressas neste estudo são da responsabilidade única do autor.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de; ÉTIENNE, Robert; MAYET, Françoise (1990) – *Les villas romaines de São Cucufate (Portugal)*. Paris: Diffusion de Bocard.

BERNARDES, João Pedro (2008) – Intervenção Arqueológica de Emergência no Sítio Romano de Loulé Velho (Quarteira). *Al-Ulyā*, Loulé, 12, pp. 11-22.

BOURGEOIS, Ariane; MAYET, Françoise (1991) – *Belo VI: Les sigillées – Fouilles de Belo*. Madrid: Casa de Velázquez (Collection de la Casa de Velázquez, n.º 34).

BONIFAY, Michel (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique*. Oxford: Archaeopress (BAR International Series, 1301).

CARANDINI, Andrea, ed. (1981) – *Atlante delle forme ceramiche, I. Ceramica fine romana nel bacino Mediterraneo (medio e tardo impero)*, *Enciclopedia dell’arte antica classica e orientale*. Roma: Ist. Enciclopedia Italiana.

Chronicon = HYDATIVS (1974) – *Chronique* (TRANOY, A, ed.). Paris: Les Éditions du Cerf (Sources Chrétiennes, 218, tomo 1).

COLLINS, Roger (2004) – *Visigothic Spain, 409-711*. Oxford-Malden: Blackwell Publishing.

COOPER, Harold. K. (2000) – *Analysis of Late Roman-Byzantine Copper Alloy Artifacts from Northern Jordan*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Arkansas (texto policopiado).

COUTINHO, Hélder (1997) – *Terra sigillata clara do Montinho das Laranjeiras –1990-1991*. Alcoutim: Câmara Municipal de Alcoutim.

DELGADO, Manuela (1988) – Contribuição para o estudo das cerâmicas romanas tardias do Médio Oriente encontradas em Portugal. *Cadernos de Arqueologia*, Braga, série II, 5, pp. 35-49.

DELGADO, Manuela (1992) – Cerâmicas romanas tardias de Mértola originárias do Médio Oriente, *Arqueologia Medieval*, Mértola/Porto, 1, pp. 125-133.

DIAS, Maria Manuela Alves (1993) – Epigrafia. In TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago, eds. – *Museu de Mértola – Basílica Paleocristã*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 102-138.

DIOGO, António Manuel Dias (2001) – Escavação de uma unidade de processamento de berbigão, na estação romana do Cerro da Vila, Loulé. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 4/1, pp. 109-115.

FERNANDES, Edgar (2012) – *Cerâmicas finas norte-africanas e mediterrânicas orientais no Baixo Guadiana (séculos V a VII)*. Dissertação de mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (texto policopiado).

FERNANDES, Edgar; ALMEIDA, Mariana; GRADIM, Alexandra (no prelo) – Le commerce méditerranéen sur les sites ruraux de la Lusitanie méridionale dans l’Antiquité tardive: le cas d’Alcoutim (Algarve, Portugal). *Res Antiquae*, Bruxelas, 10.

FERNANDES, Edgar; VALÉRIO, Miguel (entregue para publicação) – Comunidades helenografias en la Lusitania visigoda (s. VI). *Pyrenae, Revista de Prehistòria i Antiguitat de la Mediterrània Occidental*, Barcelona.

GOMES, Mário Varela (1998) – Proto-História do Sul de Portugal. In SILVA, Armando Coelho Ferreira da; GOMES, Mário Varela – *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.

GOMES, Mário Varela; SERRA, Manuel Pedro (1996) – Loulé Velho (Quarteira, Loulé) – Resultados da Primeira Campanha de Escavações Arqueológicas (1996). *Al-Ulyā*, Loulé, 5, pp. 29-50.

GRAEN, Dennis; KLEINSCHMIDT, Torsten; SCHIERL, Thomas; ZIMMERMANN, Klaus (2008) – The Site of Quinta de Marim (Olhão): Results and Perspectives of Investigation. *Xelb*, Silves, 8/1, pp. 223-241.

HAYES, John W. (1972) – *Late Roman Pottery*. Londres: The British School at Rome.

LOPES, Maria da Conceição (1994) – *A sigillata de Represas – Tratamento informático*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Instituto de Arqueologia (Coimbra/Anexos 2).

LOPES, Virgílio (2008) – A arquitectura e os mosaicos do complexo baptismal de Mértola. *Revista de História da Arte*, Lisboa, 6, pp. 33-41.

LUZIA, Isabel (2004) – O sítio arqueológico de “Loulé Velho”. *Al-Ulyā*, Loulé, 10, pp. 43-131.

MAIA, Maria (1978) – Contributos para as cartas de distribuição em Portugal da “sigillata luzente” e da “Late Roman C Ware”. In SERRÃO, Eduardo da Cunha; MAIA, Maria, eds. – *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 293-307.

MATTOSO, José (2006) – “As histórias do Poder”. In MATTOSO, José – *História de Portugal, Volume II – Antes de Portugal*. 2.ª edição. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, pp. 15-31.

ODB II = KAZHDAN, Alexander, ed. (1991) – *The Oxford Dictionary of Byzantium*, vol. II. Oxford: Oxford University Press.

PEÑA, J. Theodore (2007) – *Roman Pottery in the Archaeological Record*. Inglaterra/Estados Unidos da América: Cambridge University Press.

PINTO, Inês Vaz; VIEGAS, Catarina; DIAS, Luísa Ferrer (2004) – *Terra sigillata* and amphorae from the Roman *villa* at Tourega (Évora, Portugal). In PASQUINUCCI, Marinella; WESKI, Timm, eds. – *Close Encounters: Sea and Riverborne Trade, Ports and Hinterlands, Ship Construction and Navigation in Antiquity, the Middle Ages and in Modern Time*. Oxford: Archaeopress (BAR International Series, 1283), pp. 117-127.

QUARESMA, José Carlos (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (col. Estudos & Memórias, 4).

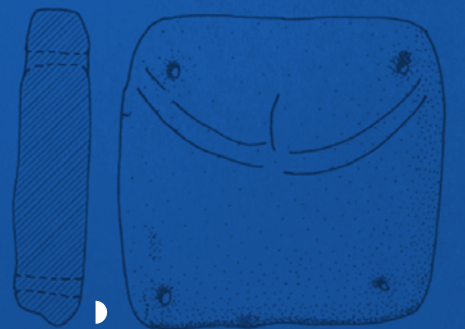
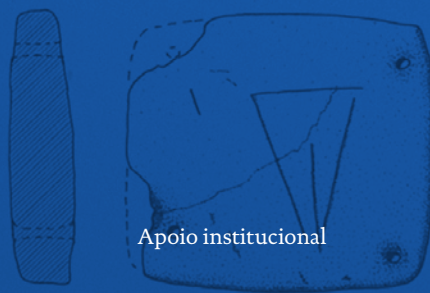
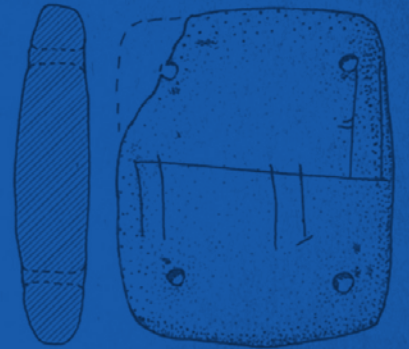
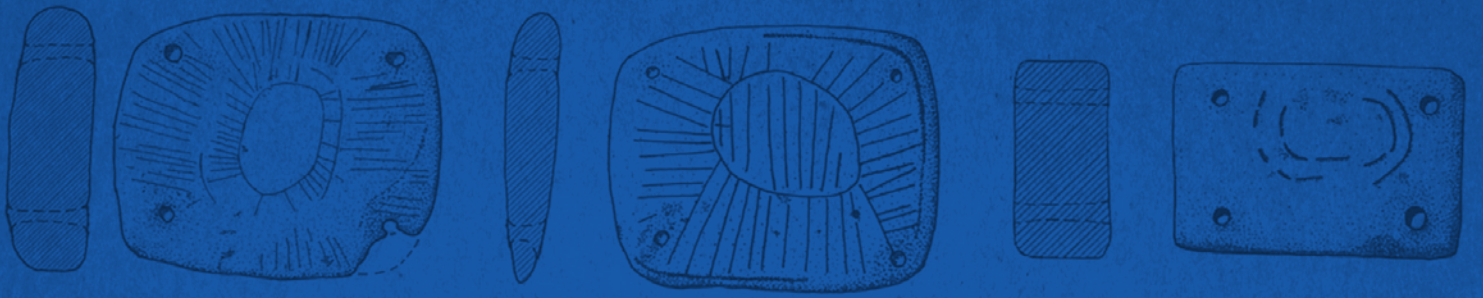
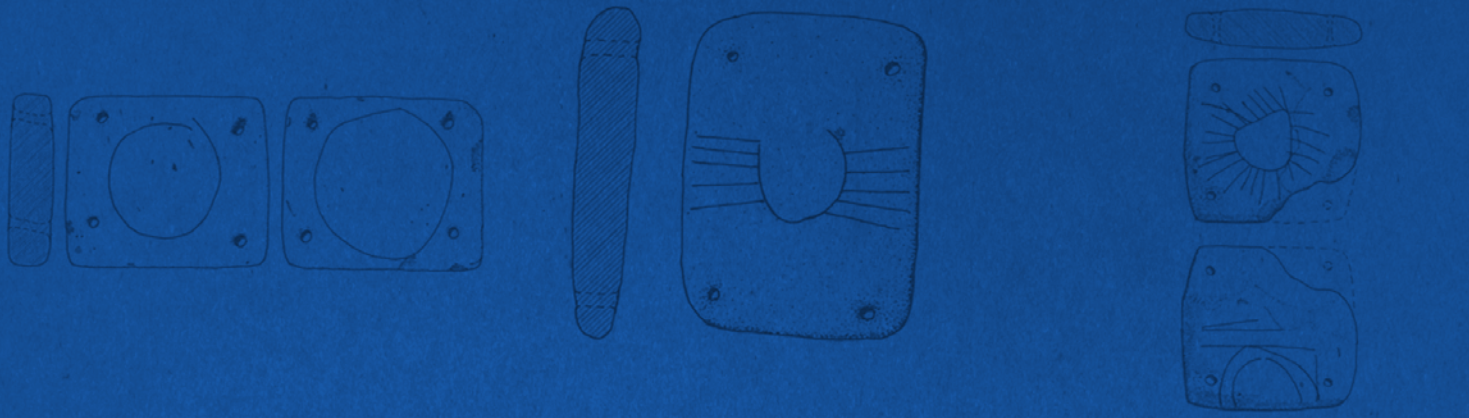
REYNOLDS, Paul (2010) – *Hispania and the Roman Mediterranean, AD 100-700. Ceramics and trade*. Londres: Duckworth.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; COELHO-SOARES, Antónia (1992) – Estabelecimento de produção de salga da Época Romana na Quinta do Marim (Olhão). Resultados preliminares das escavações de 1988-89. *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 9-10, pp. 335-374.

TEICHNER, Felix (2006) – Cerro da Vila: paleo-estuário, aglomeração secundária e centro de transformação de recursos marítimos. *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 13, pp. 69-82.

VALLEJO GIRVÉS, Margarita (1993) – *Bizancio y la España tardoantigua (ss.V-VIII). Un capítulo de la historia mediterránea*. Alcalá de Henares, Universidade de Alcalá de Henares (Memorias del Seminario de Historia Antigua IV).

VIEGAS, Catarina (2009) – *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.



FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua